

# COMMERÇIO DA AJUDA




QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

Redacção, Administração, Composição e Impressão:  
CALÇADA DA AJUDA, 176 - LISBOA

**D**OCEMENTE, misteriosa-  
mento a neve cai, fôfa e  
branca como o pão do  
rico...

Emquanto no ar cristalino  
carrilhonavam sinos alacres,  
desce sobre as almas uma alvorada  
suavíssima de bemquerer  
e perdoar.

O ódio, a dor e o mal foram-se,  
rangendo os dentes.

Estancou por momentos o rio  
caudaloso da amargura.

E' que vai para dois mil anos,  
que na terra sagrada da Gali-  
lea, nasceu um justo.

Erguem-se as almas embriaga-  
das de inefável, santíssima  
piedade e para cada dor se  
cria um refrigério, para todo o  
crime, um perdão..

E a neve caindo, misericor-  
diosamente tudo iguala e aclara.

Natal de Jesus - puríssima  
redentora alvorada!

**D**O nosso querido amigo o  
ilustre colaborador Ex.º  
Sr. Coronel Melo Migueis,  
recebemos um interessante ar-  
tigo focando a vida do «Rádio  
Club Português», mas que de-  
vido á falta de espaço, só publi-  
caremos no próximo número.

**P**ENSA a Misericórdia de  
Lisboa, em mandar cons-  
truir um edificio nos ter-  
renos da Rua da Bica, para  
instalação duma Creche-Lacta-  
rio, Escola, Posto médico, etc.  
Como essa obra levará muito  
tempo a fazer, consta-nos que  
vai ser alugado um prédio na  
Calçada da Ajuda, para ali fun-  
cionar embora provisoriamente,  
um Dispensário, visto o local  
onde se encontra instalado, já  
não poder comportar a affluên-  
cia dos interessados.

**D**UM grupo de alunos da  
Escola do Centro Escolar  
Republicano de Belém,  
recebemos a circular que está  
sendo distribuída por todos os  
amigos da instrução, com o fim  
de angariar donativos para a  
fundação duma Caixa Escolar,  
afim de socorrer os alunos mais  
necessitados.

A' grandiosa iniciativa nos  
associamos, fazendo votos para  
que o fim em vista, tenha feliz  
execução.

## LEMBRANÇA DE NATAL

Que havemos nós de fazer hoje, pensamos, em bene-  
fício de tantos e tantos pequeninos pobres dêste bairro da  
Ajuda!

Tudo nos ocorre mas, se é grande o nosso coração,  
reduzida é a nossa bôlsa e, então, tivemos uma ideia:  
associar-nos.

Sós, porém nada faremos; acompanhados, alguma  
coisa podemos realizar.

E, deixando caminhar o nosso espírito, êle foi fixar-se  
numa pequenina e encantadora casinha que há dias vimos:  
o 1.º Jardim de Infância da Junta Geral do Districto, inaugu-  
rado no dia 8 do corrente mez.

Dia de festa foi para nós também porque, a inaugu-  
ração dum Jardim de Infância, representa a realização  
duma parte do nosso sonho de ha muitos anos.

Vem de 1907, aproximadamente, a nossa propaganda  
para a fundação de Escolas Maternais ou Jardins de Infân-  
cia no nosso país. Porém, apesar de toda a nossa boa  
vontade, apesar de todos os nossos esforços, nada conse-  
guimos realizar, a ocasião não nos era propicia, e o pe-  
queno capital que possuíamos, producto de cotisações e  
duma quermesse no Jardim da Estrela, foi entregue á be-  
nemérita Associação das Escolas Moveis pelo método João  
de Deus para auxílio da fundação do seu primeiro Jardim-  
Escola, em Coimbra.

No entanto, não desanimámos e a propaganda, ainda  
que menos intensa, continuou fazendo-se e nós continuá-  
mos também a acalentar o sonho que, após a proclamação  
da República no nosso País, veríamos realizado o nosso  
grandioso ideal: um Jardim-Escola em cada jardim da  
nossa Terra.

Infelizmente, assim não sucedeu. Pouco se tem feito  
nêste sentido e o que se tem feito é incompleto, pelo que  
continuamos vendo por toda a parte, tantos pequeninos  
nas ruas, expostos a todos os perigos, incluindo os moraes,  
emquanto as pobres famílias vão para os seus trabalhos  
ganhar o pão que á noite hão-de comer.

Triste sorte a das creanças portuguesas!

E foi assim pensando, e foi assim sentindo, que rece-  
bemos com grande alegria a notícia que a Junta Geral do  
Districto inaugurara um Jardim de Infância.

(Conclue na página 5)

## Helena de Ávila

MÉDICA

Doenças das Senhoras e Crianças ■ Clínica Geral

Largo Frei Heitor Pinto, 13, 1.º

(Junto ao Chafariz de Belém)

CONSULTAS TODAS AS TARDES

**A** Junta de Fréguesia, so-  
lenizando a data do Natal,  
distribuiu hoje um bodo a  
350 pobres.

Os géneros que serão distri-  
buídos, correspondem á impor-  
tância de 10\$00 por pessoa.

Agradecemos a amabilidade  
da Junta, pelas 5 senhas que  
nos enviou para os nossos pobres.

**H**OJE realiza-se no *Stand*  
da Ajuda, um interessante  
torneio de tiro aos pratos,  
em homenagem ao capitão avia-  
dor José Pimenta, que dentro  
em breve iniciará um *raid* ás  
nossas Africas.

**R**EALIZA-SE hoje na séde  
da estação emissora Rádio-  
Luso (C T 1 K M), á cal-  
çada dos Barbadinhos, 94, 1.º  
uma interessante «Festa do  
Natal» que aquele conhecido  
pôsto de radiofonia organizou,  
a favor de muitas criancinhas  
pobres, suas protegidas.

**P**ARA os pobres protegidos  
pelo nosso quinzenário, re-  
cebemos das seguintes pes-  
soas: L. P., 5\$00; J. M., 5\$00;  
Anónimo, 10\$00; M. M., 5\$00;  
um grupo de cabos e soldados  
musicos de Infantaria 1, 3\$00;  
um casapiano, géneros para  
um jantar.

Em nome dos contemplados,  
agradecemos.

**E**NCONTRA-SE quasi resta-  
belecido da grave doença  
que o reteve no leito, o  
nosso amigo Sr. Francisco Pe-  
reira, a quem por tal motivo  
cumprimentamos.

**E**STÁ a Junta de Fréguesia  
da Ajuda empenhada em le-  
var a efeito, possivelmente  
no Belém-Club, um grande festi-  
val, cujo producto reverterá  
a favor das crianças pobres da  
nossa fréguesia.

**S**Ó no próximo número con-  
tinuaremos o nosso inquê-  
rito junto de alguns comer-  
ciantes e industriais da nossa  
fréguesia.

**LIBANIO DOS SANTOS**

VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

BREVEMENTE: Abertura do Vinho Novo, actualmente em preparação  
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>**

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

**A AJUDA ANTIGA**

—¿Porque será que as ruas têm nome?

Ora aqui está uma pergunta simples a mais não ser que pode, muito bem, pôr em sérios embaraços a pessoa a quem fôr dirigida.

...E não será de admirar que o interrogado traduza sua perturbação por esta como resposta:

—E' verdade; ¿porque será?

Pois a resposta é tão singela como a interrogação: os arruamentos têm nome pela mesma causa que nós também temos — para poderem distinguirse, para evitar confusões

Num lugarejo em que todo o casario se estenda de ambos lados da estrada — única rua da terroala — ela não tem nome. E não o tem porque não precisa tê-lo.

Mas, logo que a aldeia vá medrando e alguns arruamentos comecem a esboçar-se, embora as esquinas dos prédios não ostentem letr-iros, o certo é que as designações surgem como por encanto e sempre com referência a qualquer coisa que os especifica.

Assim aparece a rua da Capela (porque vai dar ao pequeno templo) a travessa da Fonte (porque nela fica situado o chafariz local) etc...

A' mingua de outra possibilidade de particularização o vulgo recorre então a qualquer pessoa que more á esquina da artéria principal. Eis a razão de ser da calçada de Fulano, do largo de Sicrano ou de Beltrano. E se tal pessoa é, no lugar, a única a exercer determinado officio é a designação dèste que distingue o arruamento. Nesta circunstância têm origem a travessa do Ferrador, o bêco do Albardeiro, etc.

\*\*\*

Isto das ruas serem filhas da geometria, dos arruamentos brotarem no papel antes de escavados no terreno e antes de nêles haver edificios, e de fazer consagrações postumas nas esquinas ou transformar os largos e

**MIGALHAS TOPONIMICAS**

travessas em sucursais do calendário é só próprio dos grandes centros urbanos e dos tempos que decorrem. Conquanto entre nós tenha sido o Marquês de Pombal o seu iniciador, o certo é que seu uso corrente não vai além de meados do século passado.

Antigamente não era assim; e hoje aiada assim não é fóra dos referidos centros, ou mesmo dentro dêles quando não haja fiscalização eficiente.

Outrora as ruas eram a resultante das venêtas dos visinhos que construíam as casas. Eram, por isso, irregularísimas no traçado — ora estreitavam, ora alargavam; ora seguiam um tudo nada direitas, ora enviezavam que nem olho zanaga. Se tinham certa largura mínima, isso era devido á necessidade imperiosa de dar passagem a carros. Nanja que os moradores se importassem para nada com os outros, mas porque podiam ter necessidade — e tinham — que qualquer lho levasse coisas a casa...

E' de ver que nas cidades e vilas de certa importância cuja existência é multiseccular há na designação dos arruamentos uma parte moderna e outra antiga, herdada de geração em geração.

Esta é, infelizmente, cada vez menor porque a febre das consagrações

**CLINICA DENTARIA**

**Afra da Costa**

CIRURGIÃO DENTISTA

**DOENÇAS DA BOCA E DENTES**

Dentes artificiais — Corôas de ouro  
Pontes (bridge work)

Aberto das 10 às 12 e das 14 às 20 horas

INSTALAÇÃO PROVISÓRIA

C. da Ajuda, 183, 2.<sup>o</sup> — LISBOA

apossou-se de muita gente e fez que fôssem apeados numerosísimos letreiros que, as mais das vezes, se ligavam intimamente com a história progressiva do local, afim de serem substituídos por datas mais ou menos estrondosas, embora nada tendo a ver com o sítio, ou por nomes de pessoas possivelmente cheias de qualidades mas que, na quasi totalidade dos casos, talvez em sua vida nunca adregassem de ter passado por lá...

Os nomes antigos devem merecer respeito porque foi o povo em pêsco que os atribuiu a certos e determinados arruamentos; os nomes novos representam, quasi sempre, apenas as predilecções do pai da substituição, dondo a designação ter carácter inexpressivo, deslocado e até, ás vezes, pouco simpático aos moradores que, por isso a não adoptam usualmente, preferindo a designação anterior.

Na antiga freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, extra-muros de Lisboa, que até ao último quartel do século XVIII abarcava toda a terra compreendida entre a ribeira de Alcântara e a do Algés, tirante nos pequenos aglomerados populacionais que constituíam os lugares de Belém e Alcântara, quasi não havia toponímia, antes do terramoto de 1755.

Coisa de dois anos depois do famigerado cataclismo, porém, o caso muda de figura e surgem designações de arruamentos cuja origem é popular por completo.

Aparece a Rua do Cruzeiro, a dos Tanques, a do Matadouro (hoje Calçada da Boa-Hora), a da Visitação (hoje das Casas de Trabalho e ainda não há muitos anos chamada das Freiras Salésias), a do Chafariz (actualmente da Bica do Marquez) etc...

Também houve designações impostas e sem nada que as justificasse, a não ser o capricho e o livre alvedrio do alcunhador. Que eu saiba só houve três, duas das quais chegaram a nossos dias.

(Continúa na página 11.ª)

**Santos & Brandão**

CONSTRUCTORES

Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

**Farmácia Mendes Gomes**

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias às 17 horas  
PEDRO DE FÁRIA Terças-feiras às 10 horas e sábados às 9 horas  
ALVES PEREIRA — 4.<sup>as</sup> feiras às 5 h  
FRANCISCO SEIA — Quintas-feiras às 10 horas

Serviço noctu. no às segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercaria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazel uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

## VESPERA DE NATAL

Numa modesta e aprazível habitação residiam um casal e dois filhinhos ainda de tenra idade, e de sexos diferentes. Tinham montado com o produto do seu trabalho um lar confortável e encantador. Viviam satisfeitos. O fruto do seu amor aumentava a risonha primavera da sua existência.

Pensaram na véspera do Natal juntar toda a família no convívio duma ceia para fortalecer assim os elos de amizade e harmonia que devem existir entre os parentes, qualquer que seja a escada social em que estejam colocados.

Combinado e aceite o convite toda a prole se preparou para a reunião, cuja festa não tinha intuitos religiosos ou de culto pelo dia, mas unicamente a intenção louvável de proporcionar às crianças e adultos uns momentos de distracção, de recreio espiritual, no consólio familiar. Um alívio momentâneo dos dissabores cotidianos.

Conheciam perfeitamente que a origem do culto não deixava de ser uma expressão figurada dos muitos astronómicos ou científicos em que repousam as religiões remotas, que celebravam todos os anos o nascimento do seu Deus, consubstanciado na influência do sol e do fogo; adoptado depois pelo cristianismo o ceremonial que constituíam na antiguidade as manifestações externas e simbólicas do mito védico.

Todos os deus solares «nascem a 25 de Dezembro, no solstício de inverno, duma virgem-mãe, numa gruta ou estábulo no meio dos animais; curam os doentes, resuscitam os mortos. Emfim, todos morrem e resuscitam, porque o Sol, vencido periodicamente pela noite e pelo inverno, voltava todas as manhãs e todas as primaveras. E' assim que a parte mais importante da religião não é mais que o éco dos cantos antigos que celebravam o Sol».

Mas muito embora primitivamente as diversas seitas cristãs não comemorassem o nascimento de Cristo na mesma data, o dia 25 de Dezembro foi definitivamente adoptado por ordem do papa Júlio I, morto em 377.

E dêsse recuados tempos ainda se mantém a grilheta da tradição, solenizando cada um à sua maneira a natividade divina!

\* \*

A um canto da sala de jantar estava erguido um tronco de pinheiro e nos seus ramos pendurados diversos brinquedos, pedaços de algodão espalhados para iludir blocos de neve; ao fundo um vistoso presépio policromo com todos os interpretes da cena do nascimento.

Alegria das crianças!

Via-se a mēsa de jantar guarnecida com gosto e simplicidade. Ao centro uma enorme travessa com postas de bacalhau, ladeada por mais duas com batatas e grēlos. Fumegava!... No aparador pratos com fruta, queijo, filhóz e aletria dōce.

Notava-se naquele conjunto um ambiente de verdadeira animação, graça e vivacidade. Os donos da casa solicitaram da assistência um dos sapatos para colocar na chaminé... Preparava-se uma surpresa; segredava-se e disfarçavam-se os sorrisos intrigantes; interrogações mútuas e discreção absoluta...

Os lugares foram-se ocupando à mēsa e pouco depois a refeição foi servida a contento e com enthusiasmo. As falas rarearam e os estômagos satisfeitos...

Soaram compassadamente doze horas no relógio!... Duas fortes argoladas na porta suspendeu, imobilizou os convivas; um tremor de susto invadiu alguns dos presentes; as crianças lançaram olhares interrogativos...

— Quem é? — perguntaram.

— E' o pai Natal! — retorquiu uma voz com disfarce

A porta abriu-se. Um vulto alto divisa-se no limiar, trajando a vestimenta característica dada ao velho Natal, todo curvado, arrimando-se a um grosso cajado, com um enorme saco às costas.

Estrondosa e efusiva gargalhada soltou-se instintivamente, ao mesmo tempo que um espanto, uma admiração reflectia no semblante dos que se sentiam alheios aos preparativos da surpresa...

Uma série de interrogações surgiram: Quem seria? Bem achado! E' pessoa conhecida certamente?... Está bem disfarçada!... Não me engano?...

— Venho trazer-vos os sapatos com o recheio! — afirmou o vulto. — Todos serão contemplados!...

— Faz favor de entrar e descansar — acquiesceu a mais edosa das irmãs, conivente do que se passava.

O pai Natal não se fez rogado e acedeu prontamente á amabilidade, enquanto novas risadas de contentamento animavam os presentes.

— Coitado!... Como vem fatigado!... ¿Então o menino Jesus?... A barba de algodão está a cair-lhe, ageite-a melhor...

O vulto aconchegou-a na intenção de manter a sua incógnita.

— Devem perdoar — exclamou — que meu filho não venha pessoalmente fazer a distribuição, mas não podia com semelhante encomenda!...

— Vem de muito longe?...

— A descer todos os santos ajudam!... O fardo é pesado!...

— Mas reparo que o suor transpirou para a barba!...

Uma estridente risada cristalina aflorou aos lábios do intruso, que dissimulou rapidamente, iniciando a entrega das lembranças do Natal de marido para espōsa, de pais para filhos e vice-versa, pelos nomes próprios, o que deu ocasião a novos aplausos de satisfação e regosijo.

Concluída a distribuição, entrecortada por ditos de humorismo, o pai

(Conclue na página 10)

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SOCORRAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Instalações  
electricas

T. S. F.

Venda de aparelhos a pronto e em prestações

AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telefone Belém 552, onde serão atendidos com a máxima urgência

**LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

**LISBOA****Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

**Amândio C. Mascarenhas****SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGÉNIA**Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas  
e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor  
e instalações electricas**R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 469****Brio antigo em alma nova**

Em tépida manhã de Maio, à hora em que as rosas recebem do sol nascente o primeiro beijo amoroso, a um grande prédio de seis andares, situado numa das Avenidas Novas, chegavam, vindos de França, dois lindos bebés.

Ao abrirem os olhos à luz, ambos choraram, como se já adivinhassem que a vida em que entravam certamente lhes reservaria mais angústias do que prazeres.

Verdade seja que ao do primeiro andar, filho de pessoas abastadas, dir-se-ia sorrir-lhe o futuro, em vista das magnificas roupas que lhe estavam reservadas, todas de branquíssimo linho com delicadas bordaduras.

O outro, porém, o que lá no sexto andar era afagado por mãos calejadas pelo trabalho rude, apenas podia contar com um escasso enxoval, tão branco como o outro, mas de tecido ordinário e sem enfeites.

Todavia, quem poderia descortinar naquele momento o destino futuro de dois pequeninos entes que no mundo entravam á mesma hora e em condições perfeitamente idênticas?

O certo é que a coincidência fez com que os pais, o rico comerciante do primeiro andar e o operário do último, sendo pessoas até ali quasi desconhecidas, desde esse dia estreitassem um tanto mais as suas relações. E de tal facto não teriam de arrependê-se, porque se a um a riqueza o não tornava orgulhoso e sobranceiro, o outro, artista inteligente e honrado, bem merecia de toda a gente consideração e estima.

E se o aparecimento simultâneo dos dois rapazinhos deu lugar á amistosa cordialidade entre os pais, também, á medida que cresciam e se desenvolviam, uma espontânea simpatia ia ligando aquelas crianças, durante largas horas associadas nas mesmas brincadeiras e passatempos.

A esposa do comerciante comprazia-se em os ver brincar juntos, e por isso instava até para que o filho do operário, o Joãozinho, passasse no primeiro andar grande parte dos dias em companhia do seu Carlitos.

Chegaram a ser dois grandes amigos, e tão intimamente unidos, que já mais entre elles se notou uma discórdancia ou se levantou uma questão. Poucos brinquedos possuía o Joãozinho, mas tinha sempre ao seu dispôr os do amiguinho rico, que de bom grado

lhos cedia, mesmo fora das brincadeiras comuns no terraço ou no jardim.

Como o Carlitos mostrava decidida predilecção por tudo quanto dizia respeito á nobre arte da cavalaria, os dois rapazes demoravam-se horas e horas vendo do terraço, no pátio do prédio visinho, os criados dum velho fidalgo tratando e limpando, com os devidos cuidados, os lindos cavalos brancos que puxavam o trem daquele senhor de fina estirpe, aferrado aos antigos processos, e por isso inimigo declarado do moderno automobilismo.

E o Carlos vibrava de entusiasmo ao constatar como, depois de feita aquela operação, o pêlo dos animais que provocavam a sua admiração se tornava brilhante e quasi luzidio como um espelho.

Evidenciada a especial tendência do garotito, o pai havia-o prendado, no dia em que completara os seis anos, com um grande e elegante cavalo de pasta e suporte de rodizios, em que o pequeno montava, pavoneando-se todo ancho pelas áleas do jardim.

Um dia em que, acompanhado pelo inseparável Joãozinho, se entregava aos seus exercícos de equitação, mandou-o a mãe chamar para o almoço. Ia já a caminho de casa quando uma idea súbita o assaltou, e, voltando a correr até junto do companheiro, disse-lhe com certo entusiasmo:

— Vamos fazer uma cousa?

— Vamos! — assentiu o outro sempre pronto a concordar com o amigo.

— Eu sou o fidalgo, tu és o criado. Enquanto vou almoçar, limpas tu

muito bem o meu cavalo... que é para depois dar um grande passeio.

E concluiu, pondo-lhes as mãos nos ombros:

— Valeu?

— Valeu — confirmou o Joãozinho.

— Vê lá!... Bem limpinho, sim?

E abalou de corrida.

O Joãozinho não hesitou. Levou o cavalo para junto do tanque destinado á lavagem das roupas. Apoderou-se dum esponja que ali encontrou e da escôva grossa aplicada na limpeza do tanque... e vá de começar o trabalho. Primeiro ensopou bem a esponja, passando-a em seguida pela cabeça, pelas pernas, pelo dorso, pela barriga do animal. Repetiu a operação, e notando que na esponja se viam laivos de várias côres, atribuiu o facto á desagregação das sujidades. Depois, com a escôva, á maneira do que tinha visto fazer aos cavalos do visinho, applicou-a sobre os sitios já lavados, e esfregou, esfregou... mas oh! surpresa! — ao repetir o movimento na barriga do famoso alazão, notou com espanto que nesta se produzia uma funda depressão, e um largo buraco se abria... por onde não saíram os intestinos simplesmente porque o pobre bicho os não tinha.

Na sua inconsciência, o Joãozinho não soube a que attribuir o facto desolador; só compreendeu que o brinquedo do seu grande amigo, aquele cavalo de que êle tanto se orgulhava, estava irremediavelmente perdido.

Então apoderou-se da criança uma formidável angústia! Que diria o Carlitos, o que diriam todos ao verificarem aquella maldade, aquele crime horrendo, semelhante ao das histórias dos maus feiticeiros que a mãe lhe contava ao deitar. Chorou, mas silenciosamente, no receio de que viessem surpreendê-lo junto da sua vitima.

Que havia de fazer?... Pensou em fugir. Mas de que lhe serviria, se dentro de poucos minutos tudo estaria descoberto?

Interdito, sufocado pela afflicção, estava prestes a cair desfalecido, quando uma idea lhe ocorreu, um pensamento fascinante que lhe pareceu salvador, uma esperança viva de poder dignamente reabilitar-se: — o Natal estava próximo, pediria com ardor, com fé, com confiança ilimitada ao Menino Jesus que lhe desse um cavalo igual ao que acabava de destruir. O Menino

**Moveis, Estofos  
e Decorações****Não basta adquirir mobília,  
é sempre preciso bom gosto**

ESPECIALIDADE DA CASA

**Manuel Cordeiro**

\*\*\*\*\*

**Facilitam-se pagamentos**

\*\*\*\*\*

**Secção montada para fornecimento  
para toda a Província**

\*\*\*\*\*

**Rua de Belém, 80 e 82**

TELEFONE BELEM 237

LISBOA

(Conclue na página 9)

# Lembrança de Natal

(Continuado da página 1)

Logo aí corremos para alegrar os nossos olhos naquele Paraíso Infantil, para reconfortar a nossa alma, vendo que a nossa Terra luta e quer viver, egualando-se aos países mais civilizados, pelo que não podemos deixar de saudar a Junta Geral do Districto pela sua maravilhosa obra e bem assim o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Xavier da Silva, apóstolo da ciência e da bondade, que, quasi occultamente, com uma modéstia invulgar, escondendo-se, adivinhando-se a sua presença apenas pela sua sombra que vemos projectada nas suas obras, nos apresenta sempre surpresas quer no campo científico quer no campo pedagógico, que são orgulho e honra da nossa Patria.

A Sua Ex.<sup>a</sup> que conhecemos quando Ministro do Trabalho, onde deixou assinalada a sua passagem por obras úteis para o nosso País, a Sua Ex.<sup>a</sup> que muito admiramos e veneramos, vão as nossas saudações mais entusiastas e os nossos mais sinceros votos para que encontre obreiros que saibam ajudá-lo na continuação da sua obra.

Uma grande e valiosa colaboradora tem já a seu lado, irmanada á sua alma, a Ex.<sup>ma</sup> Dr.<sup>a</sup> Branca Rumina, a quem aquela casa, embora no seu início, já muito deve.

Que outros e outros colaboradores assim surjam porque, como em todas as casas onde se abrigam crianças, não basta o conforto do edificio, não basta o pão, qual milho ás galinhas numa luxuosa capoeira; é preciso mais e muito mais.

A par do grande carinho indispensável á infância, é necessário o máximo zelo, o máximo cuidado na formação do seu carácter e tudo isto se faz cantando, e tudo isto se faz trabalhando, jogando, falando com os pequeninos, demonstrando-lhes sempre, e em tudo, a Verdade, unicamente a Verdade.

Pessoas há, pseudo-cultas, que negam a necessidade de professoras nas escolas de primeira infância. ¿Para que são precisas? dizem. Não têm nada que ensinar, as crianças são tão pequenas.

Outras chamam-lhes «escolas de fazer coisinhas.

E não vêem que trabalha constantemente, que vastos conhecimentos deve possuir, uma verdadeira professora de ensino infantil, e que úteis são para o desenvolvimento dos sentidos das crianças a confecção das tais «coisinhas» de que os engraçados e espirituosos tanto desdenham e, estamos certos, muitos d'elles, não as saberiam fazer.

Muito desejamos que aquela pequenina casa, gracioso ninho de vinte e cinco avesinhas, possa repartir-se, multiplicar-se, alongar-se por toda a

nossa terra, servindo de estímulo, de exemplo, de guia, e que em lugar de vinte e cinco sejam mil, cem mil, todas as crianças de Portugal, que ao Jardim de Infancia venham receber as salutares lições da vida, indispensáveis á formação integral do seu corpo e do seu espirito.

E que, num futuro breve, sejam, com a mesma característica, com a mesma orientação, fundadas escolas primárias e escolas profissionais, tendo-se sempre presente no espirito o fim para que foram criadas: de seres pequeninos, quasi abandonados nas ruas, que seriam perdidos para uma vida honesta, transformar em homens e mulheres de corpo e alma sã, sabendo cumprir cada um, integralmente, a missão que lhes fôr imposta pelo destino e pelo seu sexo. Homens verdadeiros cidadãos, amando e respeitando a mãe-Patria e a família, e mulheres verdadeiras espôsas e mães.

E que alta missão, todas estas escolas, que recebem as crianças de manhã para á tardinha as entregar aos paes, não desempenham perante a família! São os filhos que vão levar aos paes os ensinamentos que receberam na escola. São os paes que, muitas vezes, aprendem com os filhos.

Bendita e santa cruzada a de todos os apóstolos que se dedicam á educação e protecção da infancia!

E é, a que não tira os filhos aos paes, a mais útil e digna de todas.

Todos os esforços devem convergir para fundar muitos e muitos jardins de infancia, muitas escolas primárias, muitas escolas profissionais, que de manhã á noite recolham as crianças e, suprimir ao indispensável os internatos que, a nosso ver, só devem existir para as crianças em perigo moral ou abandonadas.

As outras, todas que têm família, não devem ser arrancadas do seu seio.

E' quasi um crime, um crime de ordem social, porque dissolve a fa-

mília, porque, em geral, desmoralisa as mães e cria, nos indivíduos internados, defeitos que, por mais cuidado que haja da parte de quem dirija os internatos, sempre elles se revelam e se mantêm, originando na sociedade perigos incalculáveis.

Longo seria este assunto mas limitemo-nos por agora e, como é dia de Natal, dia consagrado á Família, vamos Senhores e Senhoras deste pobre bairro da Ajuda, onde há tantas criancinhas sem educação e sem agasalho, levar ás mais pequeninas, ás mais necessitadas, a nossa Lembrança de Natal.— Prometer-lhes, e trabalhar-mos todo o ano para, emfim, que, no *Natal de 1935*, terão o seu Jardim de Infancia, como aquele que há pouco visitámos e tanto encantou a nossa alma.

Confiamos no aplauso e auxílio de todos os ajudenses. Dentre elles serão formadas as necessárias comissões e mãos á obra para cumprirmos a nossa promessa porque, ás crianças, não se deve faltar.

Toda a correspondência neste sentido pode ser dirigida para o Largo da Torre, 1, Ajuda.

Ilda Jorge Bulhão Pato.

## EXPOSIÇÃO ESPERANTISTA

Na séde da Sociedade Esperantista Operária «Antauen», Rua da Costa, 124, 1.<sup>a</sup>, a Alcântara, inaugurou-se uma exposição esperantista, que encerrou no passado domingo.

Nessa exposição, admiraram-se postais ilustrados de todas as regiões do mundo, assim como bastante material de turismo redigido em Esperanto e editados por ministérios de vários países, cartazes de propaganda de congressos e feiras internacionais, obras literárias de apreciável valor, revistas, jornais, etc.

Muitos dos nossos leitores que se interessam pela lingua universal, visitaram a interessante exposição, que muito enobreceu os seus promotores, a quem por tal facto, enviamos as nossas sinceras felicitações pelo grande exito alcançado!

## Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone Belém 329

CONSULTAS DIÁRIAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

Carrilho Xavier

ás 15 horas  
Doenças das senhoras e partos  
Clinica geral

Medina de Souza

das 17 ás 19 horas  
Interno dos hospitais  
Coração e pulmões — Clinica geral

### Virginia de Souza

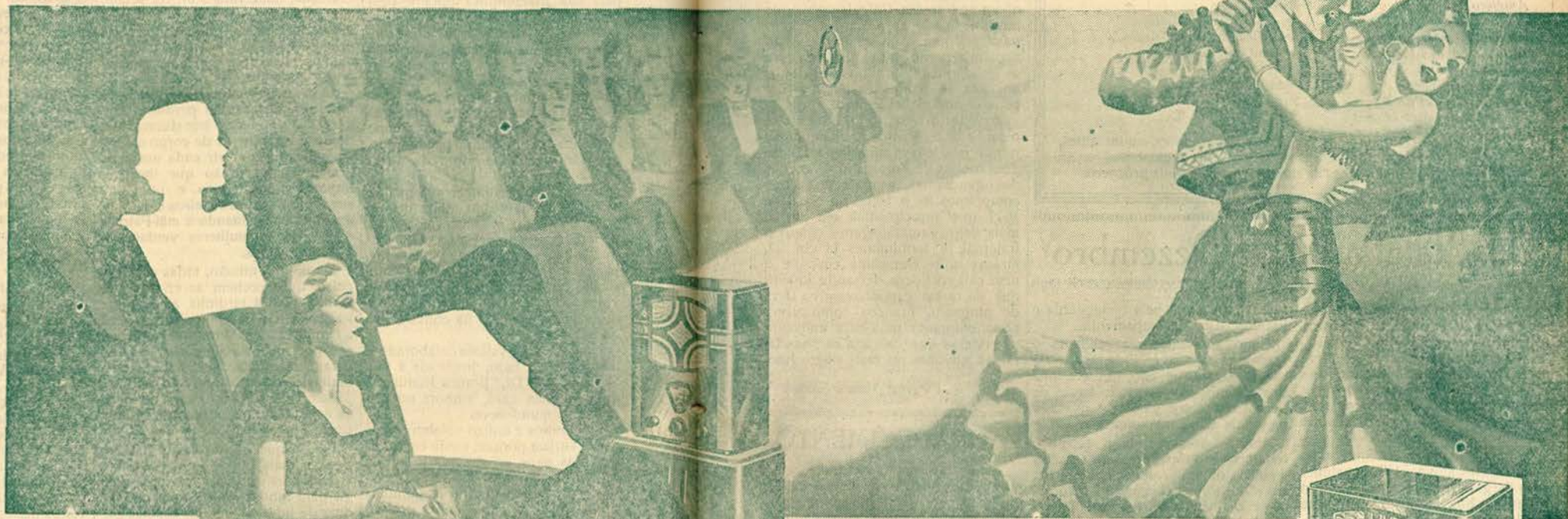
Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

# Sentada deante de um PHILIPS ocupareis o melhor logar



## SUPER-OCTODO DE 6 LAMPADAS

Rendimento extraordinário na sua classe de preço. Filtro de tonalidade de regulação contínua. Excelente reprodução sonora.



# PHILIPS



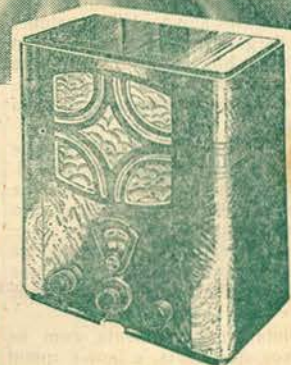
521 - A: Escudos 1.500\$00, ou Esc. 120\$00 por mês

522 - A: Escudos 1.800\$00, ou Esc. 140\$00 por mês

Percorrendo a escala de um receptor PHILIPS, ocupareis o melhor logar no imenso teatro que é o éter. Ouvireis a voz clara e a música natural que faz o renome dos aparelhos

### "PHILIPS"

Antes, pois, de fixardes a vossa escolha de um aparelho tentador possivelmente pela sua aparência e pelo seu baixo preço, lembrai-vos antes de tudo que, por pouco mais dinheiro, podereis adquirir o mais perfeito receptor do mundo. A partir de 1.500 Escudos encontrareis nos "PHILIPS" uma rica variedade de aparelhos que incontestavelmente satisfazem os mais exigentes.



Peça detalhes sobre características e facilidades de pagamento, a

## Frazão & Baptista, L.,<sup>da</sup> Sucs.

AGENTES AUTORIZADOS

486, R. da Junqueira, 488 - Telef. Belém 11

Instalações eléctricas de luz :::: Reparações em receptores de T. S. F. e utensílios eléctricos

# “O Comércio da Ajuda”

e os seus anunciantes

Abel Diniz d'Abreu, L.<sup>da</sup>

Abílio A. Jerónimo

Agencia Migueis

Albano Machado

Alberto Ribeiro de Carvalho

Alfredo Dias

Amândio C. Mascarenhas.

Américo Heitor Dias

António Alves de Matos, Ld.

António Duarte Resina

António Lopes Marques

Carlos de Sousa

Dr. Afra da Costa

Dr.<sup>a</sup> D. Helena de Ávila

Farmácia Mendes Gomes

Fernandes & Nobre, Ld.

Francisco Duarte Resina

Gráfica Ajudense

J. A. Jorge Pinto

João Alves

João Alves da Silva

J. J. Caetano

João Mendes

José Nicolau Verissimo

José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Libanio dos Santos

Libreiro, Ld.

Manuel Cordeiro

Santos & Brandão

Sarmiento & Sá, Ld.

desejam aos seus colegas, colaboradores, anunciantes, amigos, clientes, freguezes, frequentadores e ao Público, Boas Festas e um Novo Ano próspero.

## Um Natal a 26 de Dezembro

Ao meu velho camarada e amigo Hermengildo Duarte

Em toda a parte onde haja aglomerados de indivíduos — na fábrica, nos navios, nos quartéis, prisões, sociedades, etc. — existem sempre uns que se familiarizam, tornando-se quasi como irmãos, e muitas vezes chegam a fazer grandes sacrifícios, só para que a solidariedade entre eles não seja uma palavra vã.

Na guerra, entre os indivíduos de várias regiões, aquele elo foi qualquer coisa de grandioso, e sem perderem o prestígio houveram superiores que auxiliaram patricios em precárias situações e, algumas vezes, succedeu o contrário.

Em 1917 um destes grupinhos que intimamente andavam ligados resolveram festejar o Natal e, apesar de haver entre eles rapazes do Sul e do Norte, assentaram a ideia de longe dos entes queridos, ser festejado esse dia consagrado à Família, pois que eles constituíam uma, tal a amizade que reinava.

Combinou-se a ementa, com os recursos que havia, e houve quem aivitrasse mais a vinda de um patricio dêle, que segundo dizia era quasi um irmão.

Porque não havia de ser! — concordaram todos.

Próximo do dia 25, verificou-se a impossibilidade porque três dêles entraram de serviço de noite; poder-se-ia beber uma pinga a mais — o comer a correr — entravam às 18 horas — e se fizessemos a festa no dia seguinte?

Porque não havia de ser? — todos em uma voz responderam.

Faltava onde se fazer e um lembrou-se de falar a madame Z. que, talvez, cedesse a casa e como ficava perto da formação, quando acabas-

semos sairíamos pela rectaguarda e iríamos para o acampamento.

Combinou-se com a madame o fazer-mos nós a comida, mas, ela toda solícita, que não, que era uma boa cosinheira, que tudo havia de ficar a nosso contento e... que não pagariam coisa nenhuma.

Às 20 horas, após o recolher, tratámos de safar á formiga — a pretexto de qualquer necessidade ao ar livre — e fomos chegando ao *maison* onde o fogão escarlatava devido á abundância de carvão, e o ambiente era o mais agradável possível, porquanto cá fora as ruas estavam completamente brancas, da neve que caía.

Às 20,30 horas todos à mesa e Mr. Antoine, velho combatente de 1870, com a sua roseta vermelha na lapela e encasacado, quiz servir, ao que obstámos, indicando um lugar na mesma mesa. Só muito instado acedeu impondo uma condição — de oferecer duas garrafas de champanhe. Aceita — pois não devíamos de aceitar — e foi êle próprio que disse a sua espôsa para trazer a terrina com:

Caldo de galinha; num prato pão torrado e noutro hortaliça — cabeças de nabos, cenouras e... rama de cebola nova! O pão torrado tinha sido nossa ideia, porque farto de arroz... com *corned-beef*, andavamos nós.

Succedeu a primeira peripécia: um dos nossos amigos não gostava de cebola e por ironia da sorte foi exactamente o que tinha tirado mais. Ia quasi que desmaiando agoniado.

Veio segundo prato. Chouriças, fabrico particular do Norte, que tinha chegado á dias, numa encomenda, e a madame havia só lavado e pôz

aquilo num prato como se fôsse para comer cru e não cosido como desejavamos.

Seguiu-se a galinha córada com macarrão... á italiana, salada de alface e pickles. Como não tinha manteiga fez com cebo de carneiro o macarrão.

Final: Bacalhau cosido com batatas e hortaliça! Petisco apetecível que há anos andava arredado dos nossos estomagos. 10 postas grandes tinham sido entregues, mas só 5 é que vinham na travessa. Calculávamos que haviam ficado as outras lá dentro para qualquer surpresa mas... então alguém reparou que ao fundo da casa os gendarmes e os filhos dos donos da casa se banquetevam também com o nosso fiel amigo. *C'est la guerre*, foi o nosso dito, e seguiu-se o café e dôce. Vamos ao champanhe, um de nós levava nma garrafa, com duas ofertas de Antoine, duas ofertas dos gendarmes, e mais duas que comprámos foi o fecho do Natal de 1917 que principiámos em 26 na mais alegre camaradagem e convívio fraternal, e terminámos já em 27, mesma noite claríssima em que a neve caía em flocos, deixando aqueles que de rastos caminhavam na terra de ninguém, brancos como arminhos, enquanto uma bala traiçoeira não viesse que deixaria as suas familias envoltas no mais negro luto.

Virgílio Moura Santos.

## AGRADECIMENTO

Tendo já entrado em franca convalescença, não devo deixar de vir publicamente manifestar a minha gratidão para com todos aqueles que se interessaram por mim e aos que promoveram com o seu saber a cura da grave enfermidade que me atacou.

Seja-me licito especializar entre todos a quem por esta forma pública transmito os meus agradecimentos, o belo trabalho do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Carrilho Xavier, habil clínico que com o seu saber consciente, proficiente e modestamente me tratou, conseguindo com o seu belo trabalho, em poucos dias, debelar tão grave doença.

Também ao meu amigo Carlos de Sousa, auxiliar daquele Ex.<sup>mo</sup> Sr. os meus agradecimentos são devidos.

Que me perdõem êstes Srs. esta minha atitude, mas julgo que publicamente se devem tornar conhecidos os trabalhos honestos e desinteressados.

(a) Francisco Pereira.

## Quarto independente, mobilado

com ou sem pensão, para homem

**PRECISA-SE**

Resposta urgente a êste quinzenário

# BRIO ANTIGO EM ALMA NOVA

(Continuado da página 4)

Jesus, que era o amigo das crianças, como lhe afirmava a mãzinha, havia de escutá-lo e valer-lhe em tão grande aflicção.

E sem mais pensar, deitou a correr para dentro de casa.

Quando se descobriu o erro inconsciente do rapazinho, o Carlitos teve lágrimas de desgosto, é certo, mas não proferiu uma palavra de acusação ou despeito contra o amiguinho, que desaparecera.

Foram depois encontrá-lo ajoelhado diante do oratório da mãe do Carlos, senhora piedosa e cristã. Viam-se ali um Cristo pendente da Cruz, a Virgem envolta no seu manto azul recamado de estrelas, e uma bela imagem do Deus Menino, que deslumbrante no vestido branco bordado a ouro, parecia sorrir para a criança e, com a mãzinha erguida, apontar-lhe o céu.

A atitude do Joãozinho foi motivo de comoção para todos que a presenciaram, e sobre o pavoroso caso fez-se inteiro silêncio. Só a ele se referia a miúde a criança, constante na fé e irredutível na honestidade com que pretendia saldar a sua dívida.

\*\*\*

Chegou enfim a almejada noite. Ansioso pelo deferimento da sua pretensão, tão ardentemente formulada, o Joãozinho fez os maiores esforços para não dormir. Mas como a ideia predominante no seu espírito infantil já fizera com que naquele dia despertasse bastante cedo, caiu por fim rendido, e dormiu até manhã um sono, todavia perturbado por sonhos em que se confundiam os cavalos de pasta, os anjinhos do céu, as fadas e o Menino Jesus.

Quando acordou não chamou pela mãe como de costume. De corpinho apenas coberto com a camisa de dormir, saltou da cama e correu precipi-

tadamente à cosinha, onde a mãe lhe preparava o leite da manhã.

Ao chegar junto da chaminé, uma exclamação de indescritível júbilo lhe saiu da garganta. Lá estava ele, o cavalo pedido, maior ainda do que o outro, mais belo, mais elegante, selado e aparelhado ricamente como os dos reis lendários de que falavam as histórias.

E, numa expansão de irreprimível alegria, o Joãozinho tomou-o nos braços, apertou-o de encontro ao peito, beijou-o, e, depois de o colocar no chão com todo o cuidado, voltou à chaminé, examinando-a em todos os sentidos, como se procurasse ali mais alguma cousa. O cavalo não o tinha pedido para si... mas o Menino Jesus nada mais trouxera! Passou-lhe no olhar vivo uma nuvem de tristeza, que breve se dissipou. Sobreçando novamente o cavalo, voltou-se para a mãe que o olhava enternecida:

— Mamã, quero levar o cavalo ao Carlitos.

— Pois vai — aquiesceu a mãe — mas toma cuidado, não caias.

— Não caio, não. Ah! como ele vai ficar contente!

E eis que desce, com a precipitação que o pesado fardo lhe permite, os cinco lances da escada, ansioso por pagar enfim uma dívida de honra e levar a alegria ao coração do seu bom amiguinho.

Parecia já ser esperado, porque a porta se abria antes de ele bater, e os pais do Carlitos receberam-no sorrindo.

— Bravo! Que lindo presente tiveste!

— Não é para mim é para o Carlitos!

E gritava:

Carlos! Carlos!

Então o rico comerciante, tomando-o pela mão, levou-o até á parte do jardim, onde o Joãozinho viu, com inaudita surpresa, o companheiro dos seus

passatempos cavalgando, com arrogante donaire, um cavalo perfeitamente igual áquele que lhe trazia.

Perplexo, quedou-se no limiar da porta, mas o Carlitos, ao avistá-lo, correu para ele com alegre alvôrço; e, abraçando-o, ao mesmo tempo que lhe apontava o brinquedo que constituía agora toda a sua ventura, dizia-lhe:

— Vês... vês?... Ainda é melhor que o outro!

— E então este? — perguntou o Joãozinho com ingénuo embaraço.

— Esse é para ti — interveio o pai de Carlos. — O Menino Jesus deu-to como justo prêmio pela tua honestidade. Que jámais na tua vida deixes de proceder como agora, para honra e glória de teus pais, cujos corações se encherão de orgulho por terem um filho que possa servir de exemplo no meio de tantos, que, infelizmente, não conhecem essa virtude.

E beijando com igual affecto as duas crianças, encaminhou-as de novo para o jardim, onde minutos depois, em vez de um, corriam alegremente dois garbosos cavaleiros.

Alfredo Gameiro.

## BELEM-CLUB

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do encerramento deste importante clube, um dos melhores da capital.

O motivo alegado, segundo nos informaram, é devido à vistoria feita pelos bombeiros, que reconheceram a necessidade de algumas obras.

Não discutimos o parecer dos bombeiros. No entanto, não se compreende que não tivesse sido dado um prazo para que tais obras fossem executadas e se chegasse, antes mesmo de qualquer intimação oficial, a, sem mais nem menos, encerrarem a colectividade.

Confiamos que as autoridades resolverão o caso com a justiça devida.

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA  
TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — Faianças artísticas  
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20, de Abril (Calvário), 1



# MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE  
**João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

## VESPERA DE NATAL

(Continuado da página 8)

Natal despojou-se do seu hábito e deixou ver o seu perfil encantador e esbelto de mulher, aliás de todos conhecida... Era uma das irmãs!

Desvendará-se o mistério!...

Prolongada salva de palmas, beijos e abraços coroou a surpresa que acabava de deixar na selecta assistência uma deliciosa disposição de acolhimento para o resto da noite.

Diversão de espírito e graciosidade, cujo objectivo fôra racional e verdadeiro, sobretudo para as crianças, fugindo da lendária crença do Menino Jesus que pelo silêncio da noite, penetrando pela chaminé, vai colocar no inocente sapatinho, os brinquedos adquiridos pelos papás para encanto e delícia dos filhos!

Vão decorridos seis anos que se desenrolaram os factos agora descritos com simplicidade e sem fantasia.

A casinha de tam gratas recordações fôra demolida; o amorável e simpático casal sofrera um golpe cruel: a morte do filhinho mais novo, vivo retrato do pai... Ao recordar a véspera do Natal uma lágrima de saudade cairá por si dos olhos da aquela desolada mãe que tanto chorou ao perder para sempre o seu ente querido, como lenitivo duma profunda dôr e acrisolada paixão!

*Carlos Inúbia.*

## CASAMENTO

Efectuou-se no passado dia 9, o enlace matrimonial da Sr.<sup>a</sup> D. Zulmira Carvalho, filha da Sr.<sup>a</sup> D. Zulmira Carvalho e do nosso velho e prezado amigo Sr. António Ricardo de Carvalho, com o Sr. Américo Antunes.

Aos noivos, desejamos as maiores venturas.

## Fábrica de Papel do Escurial

DE

# SARMENTO & SÁ, L.<sup>DA</sup>

Papeis de embalagem ■ Papeis para sacos

Fábrica montada para uma produção  
anual de um milhão de kilos

Rua Desembargador Faria, 6

**OEIRAS**

## NATAL

E' noite. Sumiu-se a luz.  
E na lareira os anjinhos  
Vão depor os sapatinhos,  
Esperando por Jesus.

Noite alegre do Natal  
Em que felizes crianças  
Vivem de iluzões e espraças  
Num conforto sem igual.

Mas há outras que, na rua,  
Sem agasalho, trementes,  
Nos mostram a carne nua.

E assim vagueiam sem norte,  
Cheias de fome, dementes,  
Em busca de melhor sorte.

*Carlos Fernandes.*

## Fita Lusa, L.<sup>da</sup>

Desta acreditada firma que tem os seus estabelecimentos na Rua de S. Julião n.º 142, 2.º, recebemos a oferta duma interessante bobine de fita de máquina de escrever e que sendo fabrico nacional, rivaliza tanto em qualidade como na embalagem, com o que de melhor há no estrangeiro, e ainda com a vantagem do seu preço ser muito mais inferior. E' portanto um dever de todos os bons portugueses, auxiliar a indústria nacional, preferindo os seus artigos.

Este número foi visado

pela Comissão de Censura

## MERCEARIA D'AJUDA

DE

# ALFREDO DIAS

GÉNEROS ALIMENTICIOS  
sempre dos melhores  
Louças de esmalte e Vidros

Artigos próprios para brindes  
Vinhos finos e de meza  
Licores e Tabacos

79, Calçada da Ajuda, 83 ■ LISBOA ■ 2, Travessa da Memória, 8

## Favorita Ajudense

DE

# J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravata;  
Artigos Escolares — Material electrico  
GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

**Antonio Duarte Resina**

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

**VINHOS DE CHELEIROS**

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços rascaveis

**José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)**

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

**A Ajuda Antiga**(Continuado da 2.<sup>a</sup> página)

A rua da Paz (que tanto podia ter sido da paz como da guerra) e a Rua das Mercês (onde moravam tantos cosinheiros que o vulgo chegou a chamar-lhe a rua dêles) foram rasgadas onde antigamente se chamava a Estrequeira e a Cova da Onça, e ainda existem.

A mesma sorte não teve a rua das Flôres, porque o povo foi bastante sensato para considerar o produto vegetal belo em demasia para que seu nome pudesse designar as pobres baracas que o sr. Paulo Jorge fez construir de ambos lados da rua aberta voluntária ou voluntariosamente em chão seu. E' curioso notar que o *verdictum* popular prevaleceu, porque a rua existe, mas... com a designação que o povo lhe atribuiu — travessa (ou b-co) de Paulo Jorge.

Mas, a par das designações populares supramencionadas, todas facilmente explicáveis, outras aparecem causadas por pessoas que moravam no local.

Algumas perderam-se por completo; outras perduraram muitos anos, mas não resistiram á fúria da mudança de nomes e pereceram sob seu império; finalmente outras escaparam a tudo e ainda aí se estadeiam em letras brancas de alvaiade sob fundo negro nas esquinas.

A indicação e divulgação das pessoas que deram origem a alguns arruamentos dos das duas últimas espécies é a razão de ser dêste artigo e da relação que se segue.

\*\*\*

Em Alcântara:

**Travessa do Flúza**

Provém do desembargador José Flúza Corrêa que foi dono do palácio que ainda lá está ao cimo da travessa, e da quinta anexa. O palácio foi de Paulo de Carvalho (lente da Universidade de Coimbra e, mais tarde, arcepreste da Patriarcal), que o vendeu

ao desembargador. Foi nêste vasto casarão que o futuro Marquês de Pombal deve ter dado os primeiros passos, pois seus pais habitaram-no quando êle tinha menos de dois anos de idade.

**Rua do Príncipe (Hoje, 5 de Abril)**

Fica defronte da igreja de Alcântara, mas noutro tempo desembocava fronteira a um dos extremos da quinta real e na sua esquina acabava a Tapada de El-rei, que, ao contrário do que se tem escrito centenas de vezes, não foi mandada murar pelo Marquês de Pombal, pois já existia, como tal, no século XVII. Junto á esquina havia uma casa de campo (onde morreu o Infante D. António) que era de grande predilecção do Príncipe, depois rei D. Pedro II.

No Cruzeiro:

**Travessa do Pardal**

A designação não teve origem, como podia supôr-se, no vulgar e descuidado passarinho. A sua razão de ser foi o facto de, no último terço do século XVIII, haver morado no prédio que tem hoje o número 86 o sr. Pedro Braúlio Pardal.

**Travessa de João Alves**

Este antigo e imortalizado morador do Cruzeiro era padeiro e, em 1780 e tantos, residia na casa que tem hoje o número 101.

**Travessa da Ferrugenta**

Provém da senhora Leonor Maria que era padeira de Sua Magestade. Chamavam-lhe Ferrugenta porque fôra casada e enviudara de um sujeito de apelido Ferrugento. A' testa da sua casa ameahou bons cruzados e progrediu a pontos de fazer a casa nobre que é hoje propriedade do Sr. Francisco Duarte Resina.

**Travessa de José Fernandes**

Este não era, como os dois antecessores, padeiro. Era cosinheiro e também residiu por ali nos últimos quinze anos do século XVIII.

(Conclúe no próximo número)

**FALECIMENTOS****D. Cristina Parreiral da Silva Vendeirinho**

No hospital de S. José, faleceu no passado dia 12, a Sr.<sup>a</sup> D. Cristina Parreiral da Silva Vendeirinho, irmã muito querida dos nossos prezados amigos Srs. José Parreiral da Silva e Tenente Carlos Parreiral da Silva, aos quais bem como á restante família, apresentamos o testemunho do nosso profundo pesar.

**D. Jesuina Costa das Mercês**

Na residência de seu genro, na Calçada da Ajuda, 131, 1.<sup>o</sup>, faleceu no passado dia 8 do corrente, após doloroso e prolongado sofrimento, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Jesuina Costa das Mercês.

A extinta contava a avançada idade de 83 anos, era viúva, e mãe da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Laura Gomes Pereira, espôsa do nosso amigo Francisco Pereira.

O funeral, que constituiu uma manifestação de simpatia para com a família da extinta, realizou-se no passado dia 10 para o Cemitério de Benfica, com grande acompanhamento.

**A SOCIAL DA AJUDA**

DE

**Fernandes & Nobre, L.<sup>da</sup>**

FANQUEIRO, RETROZEIRO E MODAS

Especialidade em tecidos de algodão

SEMPRE NOVIDADES

VARIEDADE EM ROUPARIA BRANCA

para senhoras, homens e creanças

PREÇOS MÓDICOS

Esta casa, quando não possa vender qualquer artigo mais barato, acompanhará sempre os preços de qualquer outra congénere.

T. da Boa-Hora, 25-C — AJUDA

**ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>****PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

**Mercearia, Carvoaria e Vinhos**

DE

**ALBERTO RIBEIRO DE CARVALHO**

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Vinhos finos e de pasto, das melhores regiões



C. da Ajuda, 184 a 186-A ■ LISBOA ■ R. da Torre, 6 a 10

# Salão PORTUGAL

T. da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

Terça-feira, 25: Exibição da magnífica super-produção LILIOM, com Charles Boyer e Florelle, e das comédias CHARLOT NO BANCO e ROMEU E JULIETA.

Matinée com o mesmo programa.

Quinta-feira, 27: Grandioso espectáculo com filmes de grande sucesso.

Dias 29 e 30: A CANÇÃO DUMA NOITE, filme de grande classe, com o apreciado artista Jan Kiepura, e outros filmes de sucesso.

Dias 31 de Dezembro e 1 de Janeiro: O PIRATA DE XANGAI e A MASCARA DO OUTRO, com Ronald Colman.

Dias 2 e 3: O formidável filme, com Martha Eggerth, A PRINCEZA DAS CZARDAS.

Dias 4, 5, 6 e 7: A IMPERATRIZ VERMELHA, com Marlène Dietrich e TRAGEDIA AMERICANA.

# Cinema PALATINO

R. Fifinto Elísio — Telef. B. 99

Terça-feira, 25: Sensacional programa, com os magníficos filmes: A INTRUZA, com Carol Lombard, A VOLTA DE RAFLES e NA BOCA DO LOBO.

Matinée com o mesmo programa.

Dias 29 e 30: A CANÇÃO DUMA NOITE, filme de grande classe, com o apreciado artista Jan Kiepura, e outros filmes de grande sucesso.

Dias 1, 2 e 3 de Janeiro: O formidável filme com Martha Eggerth, grande sucesso da actual temporada, A PRINCEZA DAS CZARDAS, e outros filmes de sucesso.

Dias 4, 5, 6 e 7: A extraordinária super-produção com Douglas Fairbanks, D. JUAN, e outros filmes de sucesso.

Aparelhagem sonora KLANGFILM TOBIS, ultimo modelo, propriedade da Empresa, de grande pureza e nitidez de som

## O nosso quinzenário e o Rádio Club Português

A simpática Emissora do Rádio Club Português, fará, na sua emissão de hoje, a radiodifusão do lindo conto *Brio antigo em alma nova*, da autoria do nosso querido amigo e colaborador, Sr. Alfredo Gameiro, e que hoje inserimos no nosso quinzenário.

### A Ajuda antiga

O interessante artigo *A Ajuda antiga* é da autoria do nosso ilustre colaborador Ex.<sup>mo</sup> Sr. Mário de Sampayo Ribeiro, que à nossa freguesia dedica grande afeição.

## OPICINA DE RELOJOARIA

AFINAÇÃO DE PIANOS  
E VENDA DE APARELHOS DE T. S. F.  
DE

## Albano Machado

Reparação de relógios com rapidez,  
perfeição e economia

Calçada da Ajuda, 162  
TELEFONE BELÉM 236  
LISBOA

# JOÃO MENDES

Vinhos recebidos directamente de Torres Vedras, das melhores qua lidades

## TABACOS

## ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE

Calçada da Ajuda, 136 e 138 — LISBOA (à esquina da Travessa da Boa Hora)

# Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quartéis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis  
Serviço de pensos esterilizados para OPERAÇÕES E PARTOS

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL:

**Xarope Tiocol «Lasil»** — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares.

**Cinacol**, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

**Antinevralgins**, comprimidos — Nevralgias, dores de cabeça e dentes, constipações, insónias por excesso de trabalho, etc.

**Balsamo Analgesico «Silva»** — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta, contusões, etc.

**Calcio «Lasil»**, empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

**Xarope «Peitoral de Cereja»**, de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

**Quaisina Lasil**, empolas — Pneumonias, bronquites, bronco-pneumonias, gripes, etc.

**Sais de Frutos Lasil** — Doenças de fígado, estômago, prisão de ventre, vertigens, dores de cabeça, etc.

Soros, sédas, catgut, drenos, crins, laminarias, algodões, gazes, compressas, tampões, ligaauras, etc., etc.

## CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.

**Dr. Virgílio Lopes de Paula** — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14 horas.

**Dr. João Pedro de Faria** — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

**Dr. Julio de Carvalho** — às terças, às 9 h.

**Dr. Schiappa Monteiro** — às terças, quintas-feiras e sábados, às 14,30 horas.

**Dr. Manuel de Lucena** — às terças-feiras às 16 horas.

**Dr. Manuel Henriques Leitão** — Todos os dias às 18 horas.

Avia-se, recetuario de todas as Associações  
SERVIÇO NOCTURNO A'S QUINTAS-FEIRAS  
Especialidades nacionais e estrangeiras